



Quem sou eu?¹

Who am I?

PATRICK HOLLOWAY

PUCRS/Capes



Mirror, by Sylvia Plath

*I am silver and exact. I have no preconceptions.
Whatever I see I swallow immediately
Just as it is, unmisted by love or dislike.
I am not cruel, just truthful –
The eye of a little god, four cournered.
Most of the time I meditate on the opposite wall.
It is pink, with speckles. I have looked at it so long
I think it is a part of my heart. But it flickers.
Faces and darkness separate us over and over.*

*Now I am a lake. A woman bends over me,
Searching my reaches for what she really is.
Then she turns to those liars, the candles or the moon.
I see her back, and reflect it faithfully.
She rewards me with tears and an agitation of hands
I am important to her. She comes and goes.
Each morning it is her face that replaces the darkness.
In me she has drowned a young girl, and in me an old woman
Rises toward her day after day, like a terrible fish.*

Espelho, por Sylvia Plath

*Sou prateado e exato. Não tenho preconceitos.
Tudo o que vejo engulo imediatamente
Do jeito que for, desembaçado de amor ou aversão.
Não sou cruel, apenas verdadeiro –
O olho de um pequeno deus, de quatro cantos.
Na maior parte do tempo medito sobre a parede em frente.
Ela é rosa, pontilhada. Já olhei para ela tanto tempo,
Eu acho que ela é parte do meu coração. Mas ela oscila.
Rostos e escuridão nos separam toda hora.*

*Agora sou um lago. Uma mulher se dobra sobre mim,
Buscando na minha superfície o que ela realmente é.
Então ela se vira para aquelas mentirosas, as velas ou a lua.
Vejo suas costas, e as reflito fielmente.
Ela me recompensa com lágrimas e um agitar das mãos.
Sou importante para ela. Ela vem e vai.
A cada manhã é o seu rosto que substitui a escuridão.
Em mim ela afogou uma menina, e em mim uma velha
Se ergue em direção a ela dia após dia, como um peixe terrível.*

¹ Um extrato de escrita autobiográfica inspirado em *O si mesmo como um outro* de Paul Ricoeur. Este artigo foi escrito em português e inglês para explorar a ideia de linguagem e identidade através da escrita autobiográfica e também pelo fato de que sou um irlandês cursando o Doutorado em Escrita Criativa no Brasil.



Quem sou eu?

O espelho me olha, embora eu tente olhar para o espelho. Meu rosto apresentado de volta para mim, exato, inverídico como palavras escritas na minha língua. Cruel. Um mundo cheio de sujeira. Eu não conheço esse nariz, essa imperfeição torta. Ou aquelas sobranceiras que se sentam como lagartas. Mas não são as discrepâncias individuais, é o todo. Sua totalidade. O jeito que as características se misturam para me trair. Esta criatura que abre sua boca para mostrar um buraco cheio de dentes ociosos. Eu posso sentir a agitação em minhas mãos. Um espicho que não pode ser espichado. É assim que eles me vêem, como uma fraude, uma farsa, um quadro pintado pelas mãos de um cego?

Eu fico de pé totalmente nu na frente do espelho. Eu penso em todas as palavras que eu li nesse semestre, todas as palavras que eu freneticamente busquei no dicionário. Todos os significados fluindo como abelhas que não conseguem aterrissar no néctar que elas desejam. O Ricoeur toca sinos pequenos num beco escuro. Ecos de ‘selfhood’ e ‘identity’. Eu posso ver ‘sameness’ pichado em uma escrita bagunçada na parede do beco. E eu tento pensar; eu tento entender a nudez do meu corpo, sua forma esguia. As tatuagens se tornaram mais reais do que meus olhos. Eu imagino se meu espelho na Irlanda reflete o mesmo eu. Ou se é apenas aqui que eu pareço tão fora de lugar, tão irreal. Eu boto minha língua para fora, como um peixe se pendura, e mesmo ela parece mais grossa, mais grotesca. Ela está cheia de sons que eu não consigo falar. Ela se retira na escuridão.

Eu acho que é o ‘otherness’ que molhou a tinta, que me deixou manchado. De alguma forma, seus olhos me viram assim; seus olhos me desfizeram, me deixaram como uma toalha molhada no chão do banheiro. E as mãos que me levantam, que me torcem até secar são brutas e desconhecidas. Eu me sinto como se eu fosse água que se tornou gelo; gelo que se tornou água.

Os azulejos se esquentaram por baixo das solas dos meus pés e novamente eu penso em Ricoeur, em como ele fala sobre a diferença entre ‘self’ and ‘I’. Eu penso em como essas palavras mudam entre línguas: soi, self, selbst, se, si mesmo. Eu penso em mim mesmo como uma palavra. Muitas palavras. Palavras que significam coisas diferentes, que mudam, que dão o ar um gosto diferente quando faladas. Falsos cognatos e expressões idiomáticas. Eu penso em como a gramática é diferente nessa língua e em minha própria. Em como uma palavra pode se diferenciar tanto, ser usada tão diferentemente. Então como, eu penso e tenho pensado, pode uma pessoa não mudar? Como palavras, certamente um indivíduo pode vir a significar algo totalmente diferente.

Eu fico de pé. Eu sou. Minha nudez me representa; sou eu. É tudo o que eu sou. É como eu sou um de vocês, como eu adoto esse ‘sameness’. Mas eu não posso pertencer, eu não caibo nessa fantasia; eu não posso trocar de pele como uma cobra.

Ou talvez eu possa, já fiz. É por isso que esse corpo na minha frente zomba e caçoa. Eu deixei demais: as cores e texturas se perderam ao longo do caminho. Aquele céu azul de inverno caiu ao lado de um assento enquanto eu desembarquei do avião no Rio de Janeiro. Aquele verde brega que eu esqueci nas praias de Florianópolis vai ficar intocado, sem ser visto pelos pés bronzeados dos transeuntes. Mas também, eu deixei uma escuridão morrer, e algumas vezes eu acho que talvez isso tenha sido a coisa mais difícil de deixar para trás, embora eu tenha tentado por tanto tempo me livrar dela. Essa escuridão se tornou tanto parte de mim que era como se fosse um dedo indicador. Eu me lembro como ela me guiou por ruas de penhascos, agarrando-se na direção. Dirigindo-me em direção ao tão paciente oceano abaixo. Eu me lembro como ela me sufocava em meu sono; um cobertor que não podia ser removido.

Ela achou um jeito.

Aos poucos, ela cortou o tecido sem eu perceber.

Eu tento imaginar o que eu teria visto naquele momento se eu ficasse de pé como eu estou agora: vazio e esperando por algo aparecer por de trás dessa luneta.

Eu incito minha reflexão a entender Ricoeur. Prova suas palavras, eu digo, sinta-as. Eu senti, eu acho. Mas agora, olhando para meu eu nu elas parecem estar muito longe. Essa identidade-idem sobre a qual ele fala parece mudar tão rápido dentro de mim que eu tento imaginar, às vezes, se eu não sou uma marionete sendo suspensa tão inteligentemente por milhares de fios. E agora, eu penso sobre identidade-ipse, essa selfhood. Essa pedra no rio. Ela não pode ser pega pelas mãos e jogada rio abaixo? Não pode ser degradada pelo tempo e movimento? O que me prendeu foi sua ideia de fazer uma promessa, como ela pode ser mantida mesmo se alguém mude dramaticamente, mas eu nunca fui de manter promessas. Eu nunca tive muito controle sobre esse peixe molhado que se debate na minha boca.

O que eu represento, afinal, o que eu significo? Minhas visões políticas são tão soltas quanto as mulheres que ficam nas esquinas mostrando sua pele para os homens que param seus carros caros – algumas vezes, eu tento imaginar quem tem as morais mais soltas, as mulheres ou os homens. Eu não creio em muito além de palavras e elas são vagabundas mascaradas na maior parte de tempo. Eu sei que eu confiava; eu via o bem. Eu

pensava que era uma virtude, mas aqui ela mudou e tem outro nome: ingenuidade. Ou talvez eu nunca tenha visto o bem, ou apenas gostava de ter a impressão. Máscaras são tão facilmente compradas e vendidas atualmente, tão facilmente recicladas e reutilizadas; emprestadas e devolvidas, que é difícil de lembrar um rosto sem uma. Eu acho que os únicos que eu vejo atualmente estão dormindo. Ou mortos. Eu sei que isso soa terrivelmente cínico, mas não é. Mesmo o rosto do amor, que eu sinto tão apaixonadamente, foi emprestado do cinema. Os sons que nós fazemos quando atingimos o clímax foram emprestados de sites pornôns baratos. Os soluços e choros de luto foram comprados a fim de mostrar: máscaras de dois metros para que o mundo todo veja. Nem me pergunte sobre identidades virtuais, essa dispensa comentários.

E eu sempre volto para essa reflexão; essa sombra; esse ladrão de espaço; esse enigma sem fim. Quem sou eu? Eu posso imaginar minha reflexão sendo dividida no meio, rasgada em duas como papel. Nós não somos apenas imagens que os outros refletem de volta para nós? E aqui eu não consigo tolerar essa reflexão nos marrons dos seus olhos. Lá, eu me misturava como tinta; minha voz perdida dentre outras sílabas. Agora, quando eu falo com meu pai, ele brinca, ‘para de falar como um brasileiro!’. Quando criança, demorei muito tempo para perder o sotaque forte inglês que adquiri em apenas cinco anos. Eu tentava forçar um sotaque irlandês até que um dia a musicalidade inchou debaixo da minha língua. E agora. E agora eu estou no meio novamente. Minha voz aqui parece um copo quebrando e minha voz lá parece um piano com as teclas quebradas.

Henry James pergunta ‘o que é caráter se não a determinação de incidente?’. Claro que ele está se referindo às esferas da ficção, mas isso se aplica no assunto em questão tanto se não mais. Esses incidentes, esses encontros, esses incontáveis golpes de sorte, são eles quem eu sou? Empilhados como caixas. Será que os mais pesados vão eventualmente aplinar os incidentes mais fracos da minha infância? Os dias em que minha irmã me ensinou a desenhar dentro das linhas; aquela árvore das peras onde eu sentava com o Artztek – meu amigo imaginário; os dias em que eu podia imaginar uma teia saindo das minhas mãos; os dias em que eu lia mentes e podia voar. Eles se tornaram um chiclete na sola de um sapato que eu não uso mais.

Eu passei por um mendigo hoje e fechei a janela do meu carro e mudei de estação e mudei de marcha sem nem pensar. Onde estão os dias em que ‘eu’ sentava e pensava e quase chorava com os pensamentos dos brancos dos seus olhos? Quem sou eu se não a determinação do incidente? Como que os cascos frágeis dos cavalos nas carroças não me machucam mais? Essa repetição me diluiu, me

filtrou. Eu sou gelo que se tornou água; água que se tornou gelo.

Eu sou números. Agora existem tantos números que me representam. No topo de meu PPS e PPI eu agora tenho um CPF e RNE; depois, vêm meus números estudantis: 1516301 – meu eu que fazia festa. A pessoa que tomou êxtase e não sabia bem a cor do céu. 10865040 – meu ano estudando fora, o ano que mudou tudo. O ponto e vírgula da minha vida. 15556332 – meu mestrado. A abertura de um sonho: livros saindo das estantes; livros se tornando filmes; meu nome em versão impressa. E agora tenho esse número: 13191140-6. Que a verdade seja dita, eu acho que o hífen me representa melhor. Os números ainda não acharam uma resposta; eles não sabem o que eles resultam.

É o ‘selfhood’ que se tornou o inapagável ‘?’. Ou talvez seja o ‘otherness’ que eu não consigo desconstruir. De acordo com Ricoeur, esse ‘selfhood’ e ‘otherness’ não podem ser separados. E ele tem razão. Sem esse ‘otherness’ o ‘selfhood’ não existiria mais. É apenas através desse novo ‘otherness’ que eu estou explorando meu ‘selfhood’; meu ‘selfhood’ está me explorando.

Mim. Eu. Patrick Holloway, mais conhecido como Patch. Lá meu nome era um, era normal, não levantava sobranceiras ou causava dúvidas na pronúncia. Era o bom e velho Pa-trick. Mas aqui eles adicionam sílabas, esquecem e inventam letras e a pronúncia é como algo que queima a língua. Pa-tri-ky. E meu sobrenome é uma charada. É esse nome que atua como a sinédoque de mim? Quando esse nome é proferido é essa nudez que tu imaginas? É esse sotaque? Os azuis dos meus olhos? Quando o nome é formado eu não imagino nada. Ou, para ser sincero, eu imagino um lugar, eu consigo ver barcos e penhascos, e há grama por debaixo das solas dos meus pés e um farol acenando. E sempre há a possibilidade de uma estrela cadente.

Eu li Ricoeur. Eu li através de suas palavras e algumas vezes elas pareciam estar em outra língua – algumas vezes eu não sabia se eu estava lendo em inglês ou português. Mas essa idéia que ele apresenta, que ele investiga, é de suma importância. É o que me trouxe até aqui, até esse espelho. Nu. E eu não posso te falar quanto tempo eu estou aqui, mas posso te falar que minha reflexão tornou-se uma palavra que é repetida inúmeras vezes até perder seu significado. E agora que eu me tornei obsoleto, as palavras do Ricoeur se tornam um pouco mais claras. Eu tento me ver como outra pessoa. Meus pés incham ou encolhem, minha boca aberta, solta. Os sentimentos que eu sinto são como água se tornando gelo; gelo se tornando água. E eu me vejo. Através dos seus olhos. E eu sou mais alto do que eu esperava e eu não sou bonito, mas isso não é importante. E meu sorriso parece real; é como um prédio ou uma torneira. E as palavras que eu falo

mexem o ar e elas soam estranhas, mas eu percebo que elas sempre soaram estranhas. Acima de tudo, eu posso ver uma bondade; eu não posso provar nenhuma maldade na minha língua, ou não mais do que uma pitada de sal. As palavras faladas são as palavras intencionadas. Elas são pratas e exatas. Elas não têm fechadura.

E eu tento ver outro como mim mesmo. Eu derreto e me moldo até que ele endureça em minha pele. Eu deixo que se sente e que se torne eu. Deixo as complexidades se desdobrarem e costurarem padrões a mão. Eu insisto para que meus segredos se mantenham escondidos, não me traíam agora, eu digo. Deixo os esqueletos descansarem no armário, seus ossos endurecidos e acinzentados pela falta de água, falta de sol. É difícil ver outro como mim mesmo, e quanto mais eu tento, mais eles parecem não me compreender. Eu tenho que desfazer muitos nós. Eu me lembro que eu usava uma bola de fios, como um labirinto, mas acabou há muito tempo atrás, entre os números estudantis 1516301 e 10865040. Então esse outro não consegue unir os pontos, se é que ainda há algum ponto a ser unido. Eu desfaço o que eu posso e limpo através das teias. E eu tento novamente. Eu sento e derreto como gelo para água; eu endureço como água para gelo. E há um momento, como o sol se pondo atrás das montanhas distantes, as montanhas que cercam Porto

Alegre, as montanhas que eu posso ver da janela do meu novo quarto; há um momento que o Sol se põe e o céu fica da cor de pêssego e o outro relaxa na minha forma e sente e entende e inspira e expira.

Eu sou essa forma. Essa cor. Eu sou um cobertor grosso; pensamentos colecionados como moedas em jarras; páginas cheias de rabiscos; um ponto e vírgula; um irmão, filho e marido; estudante e professor; um ponto negro na esquina de uma página branca; eu sou um estereótipo; eu sou a verdade; eu sou incompleto; uma lareira no meio da neve; uma árvore de peras; eu sou uma torta de merengue sendo jogada na minha mãe; o som do cortador de grama do meu pai; eu sou a tinta que não consegue ficar dentre as linhas.

Eu não sou o mesmo desde que esse espelho me engoliu e depois me cuspiu. Meu rosto mudou, amoleceu. O outro está um passo mais próximo. A distância diminuiu; um véu levantou. Um foco mudou. As palavras de Ricoeur são trabalhadas e unidas. Ipse e Idem não são mais palavras como tic e tac. Elas se ancoram. Elas pesam meus pés ao chão. Uma é água; a outra, gelo. E eu me pareço um pouco mais com a imagem do espelho. E isso é tudo o que pode ser feito. Eu não posso pedir mais porque eu não compreenderia. Eu sou isso. Eu sou água se tornando gelo; gelo se tornando água.

Who am I?

The mirror looks at me, though I try and look at the mirror. My face presented back to me, exact, untruthful like words written on my tongue. Cruel. A world full of dirt. I do not know this nose, this crooked imperfection. Or those eyebrows that sit like caterpillars. But it is not the individual discrepancies, it is its totalness. Its entirety. The way the features have blended to betray me. This creature that opens its mouth wide to show a hole full of hollow teeth. I can feel the agitation within my hands. A stretch that cannot be stretched out. Is this how they see me, like a rip-off, a dud, a painting painted by the hands of the blind?

I stand completely naked. I think of all the words I have read this semester, all the words I have frantically searched for in the dictionary. All of the meanings hovering like bumblebees unable to land on the nectar they desire. Ricoeur rings little bells somewhere down a dark alley. Echoes of *selfhood* and *identity*. I can see *sameness* spray painted in messy handwriting on the alley wall. And I try and think; I try and take in the

nakedness of my body, its skinny frame. The tattoos have become more real than my eyes. I wonder if my mirror in Ireland reflects the same me. Or if it is here that I look so out-of-place, so unreal. I stick my tongue out, fishlike it hangs, and even it looks thicker, more grotesque. It has been filled with sounds I cannot say. It retreats into darkness.

I think it is the otherness that has wetted the paint, has left me smudged. Somehow their eyes have seen me this way; their eyes have undone me, left me like a wet towel on the bathroom floor. And the hands that pick me up, that wring me dry are rough and unknowing. I feel like I am water that has become ice; ice that has become water.

The tiles have warmed underneath the soles of my feet and again I think back to Ricoeur, how he speaks of the difference of 'self' and 'I'. I think of how these words change among languages: *soi*, *self*, *selbst*, *se*, *si mesmo*. I think of myself as a word. Many words. Words that mean different things, that change, that give the air a different

taste when spoken aloud. False cognates and idiomatic expressions. I think about how grammar is different in this language and in my own. Of how one word can differ so much, be used so differently. Then how, I think and have been thinking, can a person not change. Like words, surely one can come to mean something altogether different.

I stand. I am. My nakedness represents me; is me. It is all of what I am. It is how I am one of you, how I adopt this sameness. But I cannot belong, I cannot slide into this costume; I cannot shed skin like a snake.

Or maybe I can, already have. That is why this figure before me mocks and taunts. I have left too much: the colours and textures have been lost among the way. That winter sky blue fell down the side of a seat as I disembarked the airplane in Rio de Janeiro. That tacky green that I forgot among the beaches in Florianopolis will be left untouched, unseen by the tanned feet of the passersby. But too, I have left a darkness die, and at times I think that maybe this was the hardest to let go, although I tried for so long to get rid of it. At times it had become such a part of me it was like an index finger. I remember how it guided me along cliff roads, grabbing at the steering-wheel. Driving me towards the ever patient ocean below. I remember how it smothered me in my sleep; a blanket that could not be removed.

She found a way.

Little by little she cut at the texture without me knowing.

I wonder what I would have seen back then if I stood like I am standing now: empty and waiting for something to leap out from behind this spy-glass.

I urge my reflection to understand Ricoeur. Taste his words, I say, feel them. I did, I think. But now looking at my naked self they seem so far away. This idem-identity that he speaks of seems to change so quickly within me that I wonder sometimes if I am not a puppet being dangled ever so cleverly by a thousand strings. And now, I think of ipse-identity, this selfhood. This stone in a river. Can't it be picked by hands and thrown downstream? Can't it be degraded by time and movement? The thing that stuck with me was his idea of making a promise, how it can be kept even if one changes dramatically, but I was never one for keeping promises. I never really did have much control on this wet fish that flops around within my mouth.

What is it that I stand for anyway, what do I represent? My political views are as loose as the women who stand on street corners flashing skin to the men who stop their overpriced cars- I sometimes wonder who has the looser morals, the women or the men. I don't believe in much apart from words and these are two-faced bitches at the best of times. I know I used to trust; I used to see

the good. I thought it was a virtue but here it has been flipped on its head and given a new name: naivety. Or did I ever really see the good, or just like to give the impression. Masks are so easily bought and sold these days, so easily recycled and reused, borrowed and lent, that it is hard to remember a face without one. I think the only ones I see nowadays are sleeping. Or Dead. I know it sounds awfully cynical but it is not. Even the face of love that I feel so passionately has been borrowed from the movies. The sounds we make when climaxing have been lent from cheap porn sites. The sobs and weeps of grief have been bought in order to show: ten-foot masks so all the world can see. Don't even start me on the cyber self.

And I keep coming back to this reflection; this shadow; this taker of space; this unending enigma. Who am I? I can imagine my reflection being split down the middle, ripped in two like paper. Are we not just images that others reflect back at us? And here I cannot tolerate the reflection in the browns of the eyes. There I used to blend like paint; my voice lost among other syllables. Now when I speak to my father he jokes, 'stop speaking like a Brazilian!' As a child it took me so long to lose the thick English accent I had acquired in just five years. I had to work hard at sounding Irish until one day the musicality swelled under my tongue. And now. And now I am in between again. My voice here sounds like a glass smashing and my voice there sounds like a piano with all the minor keys broken.

Henry James asks 'what is character but the determination of incident?' Of course he is referring to the realms of fiction but it applies here just as much if not more so. These incidents, these encounters, these uncountable strokes of luck, are these who I am? Stacked up like boxes. Will the heavier ones eventually flatten the weaker, brittle incidents of my childhood? The days when my sister taught me to draw within the lines; that pear tree where I sat with Artzek- my imaginary friend; the days I could picture web leaving my wrists; the days of reading minds and being able to fly. They have become like chewing gum on the sole of a shoe I no longer use.

I drove past a homeless man today and closed the window and changed the radio station and moved into third gear without a thought. Where are the days that 'I' would sit and think and almost weep with the thoughts of the whites of their eyes? Who am I but the determination of incident? How is it that the brittle hooves of the horses no longer ache within me? This repetition has diluted me, strained me. I am ice that has become water; water that has become ice.

I am numbers. Now there are so many numbers of who I am. On top of my PPS and PPI I now have a CPF

and RE; then there are my student numbers: 1516301 – my eighteen year old party self. The person who took ecstasy and wasn't sure of the colour of the sky. 10865040 – My year abroad, the year that changed everything. The semi-colon of my life. 15556332- My masters. The opening of a dream: books rushing off shelves; books turned to movie deals; my name in print. And now there is this number: 13191140-6. If truth be told I think it is the hyphen that represents me best. The numbers have still not found an answer; they do not know what they add up to.

It is this selfhood that has become the inerascible '?'. Or maybe it is the otherness that I cannot deconstruct. According to Ricoeur this selfhood and otherness cannot be separated. And he is right. Without this otherness the selfhood would cease to exist. It is only through this new otherness that I am exploring my selfhood; my selfhood is exploring me.

Me. I. Patrick Holloway, better known as Patch. There my name was one, was normal, did not raise eyebrows or have the need for mispronunciation. It was plain old Pa-trick. But here they have added syllables; forgotten letters, invented letters and the pronunciation is something that burns at the end of the tongue. Pa-tri-ky. And my surname is a riddle. Is it this name that acts as the synecdoche of me? When this name is uttered into existence is it this nakedness that you imagine? Is it the accent? The blues of my eyes? When the name is formed I do not imagine anything. Or if I was being completely honest I imagine a place, I can see boats and cliffs, and there is grass under the soles of my feet and a lighthouse beckoning. And there is always the possibility of a shooting star.

I have read Ricoeur. Have read past and through his words and sometimes they seemed to be in another language- sometimes I wasn't sure if I was reading in English or Portuguese. But this idea that he presents, that he delves into is one of importance. It is one that led me here, to this mirror. Naked. And I cannot tell you how long I have stood here but I can tell you that my reflection has become like a word you repeat over and over and over until the word has lost its meaning. And now that I have become obsolete Ricoeur's words have become a little clearer. I try and see myself as another. My feet swell or shrink, my mouth tightens, loosens. The feelings that I feel are water becoming ice; ice becoming water. And I see myself. Through their eyes. And I am taller than I expected and I am not beautiful, but it doesn't matter. And

my smile looks real; it is like a building or a tap. And the words I speak stir the air and they sound strange but then I realize they've always sounded strange. Above all I can see a kindness; I can taste no badness on the tongue, or no more than a sprinkling of salt. The words spoken are the words intended. They are silver and exact. They have no keyhole.

And I try and see another as myself. I melt and mould until one has hardened into my skin. I let one sit and become me. Let the complexities unfold and weave patterns by hand. I urge my secrets to stay hidden, don't betray me now, I say. Let the skeletons rest in the closet, their bones hardened and grayed by lack of water, lack of sun. It is harder to see another as myself, and the more I try the more they seem to misunderstand me. I have to untangle so many knots. I remember that I used to use a ball of string, like in a labyrinth, but it ran out a long time back, between student numbers 1516301 and 10865040. So this other cannot connect the dots, if there are any dots left to connect. I detangle what I can and clean through the cobwebs. And I try again. I sit and melt like ice into water; I harden like water into ice. And there is a moment, like the sun setting behind the far off hills, the hills that surround Porto Alegre, the hills that I can see from my new bedroom window; there is a moment that the sun sets and there is this peach coloured sky and the other relaxes into my form and feels, and understands and breathes in and breathes out.

I am this shape. This colour. I am a thick blanket; thoughts collected like pennies in jars; pages full of scribbles; a semi-colon; a brother, son and husband; student and teacher; a black dot in the corner of a white page; I am a stereotype; I am true; I am incomplete; a fireplace among the winter snow; a pear tree; I am a meringue pie being thrown at my mother; the sound of my father's lawnmower; I am the ink that was unable to stay within the lines.

I am not the same as when this mirror first swallowed me up and spat me out. My face has molded, has softened. The other is one step closer. A distance has been shortened; a veil lifted. A focus has been shifted. Ricoeur's words are threaded and close-knitted. Ipse and Idem are no longer words like tick and tock. They anchored themselves. They weighed my feet to the ground. One is water; the other ice. And I resemble the image in the mirror a little more. And that is all that can be done. I cannot ask for more because I wouldn't comprehend any more. I am this. I am water becoming ice; ice becoming water.

Citações que inspiraram este texto:

“O caráter e a palavra considerada [promessa]. Num e noutro, reconhecemos de bom grado uma permanência que dissemos ser de nós mesmos.” (RICOEUR, 1991, p. 143)

“A manutenção de si [ipseidade] é para a pessoa a maneira de se comportar tal que o outro possa contar com ela. Porque alguém conta comigo, eu sou responsável por minhas ações diante de um outro. O termo de responsabilidade reúne as duas significações: contar com..., ser responsável por... Ele as reúne, acrescentando aí a idéia de uma resposta: ‘Onde está você?’ indagada por outro que me solicita. Esta resposta é: ‘Eis-me aqui’. Resposta que enuncia a manutenção do si.” (RICOEUR, 1991, p. 195)

“O outro não está condenado a permanecer um estranho mas pode tornar-se meu semelhante, a saber, alguém que, como eu, diz eu.” (RICOEUR, 1991, p. 390)

“... é preciso adquirir simultaneamente a ideia de reflexividade e a de alteridade, a fim de passar de uma correlação fraca e muito facilmente assumida entre alguém e qualquer outro, e a correlação forte entre si, no sentido de meu, e outro, no sentido de teu.” (RICOEUR, 1991, p. 53)

“Character is ‘the set of distinctive marks which permit the reidentification of a human being as the same’. By the descriptive features that will be given, the individual compounds numerical identity and qualitative identity, uninterrupted continuity and permanence in time.” (RICOEUR, 1992, p. 10)

“Otherness at the heart of selfhood.” (RICOEUR, 1992, p. 318)

“I suggest as a working hypothesis what could be called the triad of passivity and hence of otherness. First there is the passivity represented by the experience of one’s own body – or better, as we shall say later, of the flesh – as the mediator between the self and a world which is itself taken in accordance with its variable degrees of practicability and foreignness. Next we find the passivity implied by that relation of the self to the foreign, in the precise sense of the other (than) self, and so the otherness inherent in the relation of intersubjectivity. Finally we have the most deeply hidden passivity, that of the relation of the self to itself, which is conscience in the sense of Gewissen rather than Bewusstsein.” (RICOEUR, 1992, p. 318)

“What is ultimately attested to is selfhood, at once in its difference with respect to sameness and in its dialectical relation to otherness.” (RICOEUR, 1992, p. 302)

Referências

- BURROWAY, Janet and STUCKEY-FRENCH, Elizabeth. *Writing fiction: a guide to narrative craft*. London: Pearson Longman, 2007.
- JAMES, Henry. *The art of fiction and other essays*. New York: Oxford University Press, 1948.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- RICOEUR, Paul. *Oneself as Another*. Translated by Kathleen Blamey. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Trad. Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

Recebido: 04 de dezembro 2013
Aprovado: 16 de janeiro 2014
Contato: patchholloway@gmail.com